

Vida e obra de Maura Lopes Cançado na imprensa carioca (Rio de Janeiro, 1958-1994)

The life and works of Maura Lopes Cançado in the Rio press (Rio de Janeiro, 1958-1994)



Edivaldo Rafael de Souza

Graduando do Curso de História do UNIPAM. e-mail: edivaldorafael007@gmail.com

Paulo Sérgio Moreira da Silva

Professor do curso de História do UNIPAM. e-mail: paulo@unipam.edu.br

RESUMO: A partir de reflexões sobre a utilização de jornais como fonte na área da História, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a vida e a obra da escritora mineira Maura Lopes Cançado na imprensa carioca. Por meio do desenvolvimento desta pesquisa, foi possível identificar vários fragmentos jornalísticos que a trazem como personagem principal. Acredita-se que este trabalho é muito importante por abordar aquilo que foi divulgado sobre a autora mineira na imprensa, além de discorrer sobre contos que não foram publicados em seu livro, ou seja, que se encontram apenas nos jornais. Com isso, espera-se que esta pesquisa preencha lacunas importantes para o estudo sobre a vida e a obra da escritora em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Maura Lopes Cançado. Literatura e imprensa. Jornalismo.

ABSTRACT: Based on reflections on the use of newspapers as a source in the area of History, this article presents the results of a research on the life and works of Maura Lopes Cançado, a Brazilian writer. Through the development of this research it was possible to identify several journalistic fragments that bring her as main character. It is believed that this work is very important for addressing what was disclosed about the author in the press in Minas Gerais, as well as discussing stories that were not published in her book, that is, that are only found in the newspapers. With this, it is expected that this research will fill important gaps for the study on the life and works of the writer in question.

KEYWORDS: Maura Lopes Cançado. Literature and press. Journalism.

1. INTRODUÇÃO

A impressão que me fica de uma leitura superficial dos originais inéditos do Diário de Maura Lopes Cançado é a de ter conversado com uma criatura realmente humana, gente de carne e osso, cuja angústia não foi construída artificialmente nos

laboratórios do sucesso, com vistas à gloriola dominical dos suplementos, mas resultou natural de um longo aprendizado dessa difícil atividade que é viver (Lago Burnett, *Jornal do Brasil*, 1964, p. 3).

No início da sua trajetória na cidade do Rio de Janeiro, Maura Lopes Cançado conheceu renomados escritores, como Carlos Heitor Cony (1926- 2018), Ferreira Gullar (1930-2016) e Reynaldo Jardim (1926-2011). Eles a ajudaram, dando-lhe um emprego no “Suplemento Dominical” do *Jornal do Brasil*, onde seus contos também iriam ser publicados. No entanto, Maura Lopes Cançado começou a se internar em hospitais psiquiátricos; dentro deles, escreveu, no fim de 1959 e início de 1960, o livro *Hospício é Deus – Diário I*, no qual retratava sua infância e adolescência¹ e também como era o tratamento nas instituições para doentes mentais, relatando os maus tratos aos internos. O livro foi lançado em 1965, sendo elogiado por muitos leitores e escritores.

Em 1968, lançou o seu segundo livro, intitulado de *O sofredor do ver*, reunindo contos que ela havia publicado e outros inéditos². Porém, em 1972, enquanto estava internada na clínica Dr. Eiras, Maura Lopes Cançado matou uma interna que estava grávida, estrangulando-a com um lençol. A partir daí, passou por diversos presídios, pois não havia vaga para mulheres em manicômios judiciários.

Maura acabou ficando cega dentro de uma cela, contudo, por intermédio da ajuda de algumas pessoas, fez uma cirurgia e voltou a enxergar. Após o julgamento, a escritora foi considerada inimputável pela justiça, ainda assim, nunca mais voltou a escrever. Em 1993, vítima de doença cardíaca, viria a falecer. A autora, com o passar dos anos, entrou no esquecimento por parte da imprensa e do meio acadêmico. Nos últimos anos, porém, voltou a ser citada e pesquisada. Em 2015, os dois livros da autora tiveram uma nova edição, vindo com um perfil biográfico escrito pelo jornalista Maurício Meireles.

Na atualidade existem diversas pesquisas acadêmicas sobre a escritora Maura principalmente relacionadas às suas duas obras: *Hospício é Deus - Diário I* (1965) e *O sofredor do ver* (1968); no entanto, nenhuma delas traz como tema principal a análise de como a autora era retratada na imprensa.

Esta pesquisa possibilitou a compreensão de como a sua escrita literária e o seu comportamento particular foram retratados nos jornais, sempre levando em

¹ Maura Lopes Cançado nasceu no dia 27 de janeiro de 1929, em São Gonçalo do Abaeté – MG. Para saber um pouco mais sobre a infância e a adolescência da escritora, ver: SOUZA, Edivaldo Rafael de; SANTOS, Roberto Carlos dos. *Maura Lopes Cançado: entre memórias e experiências* (São Gonçalo do Abaeté-MG/1929-1950). *Revista Perquirere*. Patos de Minas, 14 (3): 79-97, set./dez. 2017.

² Lista dos doze contos publicados no livro *O sofredor do ver* (1968): “Espiral ascendente”, “No quadrado de Joana”, “Introdução a Alda”, “O espelho morto”, “O sofredor do ver”, “Rosa recuada”, “Distância”, “Pavana”, “São Gonçalo do Abaeté”, “A menina que via o vento”, “Há uma catedral que desce” e “O rosto”.

consideração o fato de que a autora sofria com problemas mentais, passando por hospitais psiquiátricos na cidade do Rio de Janeiro.

Com esta pesquisa pode-se constatar também como as reportagens de suas internações repercutiram em sua família no interior de Minas Gerais, sua terra natal. A imprensa, ao falar sobre a autora, tinha o papel não apenas de informar, mas também de promovê-la. Entretanto, deve ser levado em conta que esse meio de comunicação também carrega uma carga densa de subjetividades, havendo uma ressignificação de fatos, conforme quem escreve ou quem lê. Os jornais³ oferecem, assim, desde a prestação de serviços de informações até a disseminação de entretenimento à sociedade.

2. O USO DE JORNAIS NA PESQUISA HISTÓRICA: UMA BREVE DISCUSSÃO

Em um levantamento bibliográfico foram encontrados artigos e livros que trazem como tema o uso de jornais por pesquisadores na área da História. Foram também localizadas diversas matérias sobre a escritora Maura Lopes Cançado, de sorte que nos fragmentos jornalísticos estão os contos publicados pela autora, as publicações sobre os seus dois livros, além de críticas literárias sobre as suas obras, denúncias e uma entrevista com ela, bem como muitas outras matérias que a trazem como personagem principal.

Na pesquisa histórica não era comum a utilização de jornais, principalmente por causa de vertentes historiográficas que se dedicavam à busca pela verdade absoluta dos fatos. Por sua vez, seria impossível utilizar uma fonte que é produzida com certo grau de subjetividade por parte de seus idealizadores. Assim, eram privilegiadas as fontes documentais que possuíam algum registro de autenticidade. Isso foi convencionado principalmente pela Escola Metódica Francesa e pela Escola Historicista Alemã. Porém, realizar uma pesquisa dentro de tais moldes acaba por ser inviável, pois o pesquisador não poderia interferir colocando hipóteses nem questionamentos em relação ao tema pesquisado. Em outras palavras, os historiadores deveriam apenas transcrever o que as fontes continham para a pesquisa, sem analisá-las.

Posteriormente, segundo Calonga, “a corrente historiográfica dos *Annales* na década de 1970 alterou o campo de atuação do historiador. (...) A utilização dos impressos resulta justamente dessa renovação da própria disciplina” (CALONGA, 2012, p. 3). À medida em que ocorria uma transformação no modo de se ver o jornal como ferramenta de pesquisa, “a imprensa que antes era tida como fonte suspeita e sem credibilidade, passou a ser considerada como um material de pesquisa valioso e umas das principais fontes de informação e pesquisa histórica”

³ Para Rabaça (1987 *apud* Gomes; Acosta, 2012), “o jornal impresso é o principal meio de comunicação da linguagem escrita. (...) Apresenta apelo de massa, mas, como toda mídia, para ser lido, é restrito por não atingir a parcela analfabeta da população”.

(LEITE, 2015, p. 3)⁴

É importante destacar a necessidade de se promover um debate sobre as matérias jornalísticas, pois elas devem ser pesquisadas e analisadas como uma fonte que carrega um alto grau de subjetividade. Nesse sentido, deve-se utilizar a teoria e o método para garantir uma pesquisa histórica respeitável e reconhecida no meio acadêmico. Além disso, é necessário também, de acordo com Faria,

problematizar a relação entre o que se diz do acontecimento e o próprio acontecimento para que se possa, na medida do possível, alcançar e conhecer o passado. Tal consciência poderia, inclusive, esclarecer certas contradições que frequentemente encontraria no tratamento dado pelo jornal aos acontecimentos (FARIA, 2013, p. 14).

Quando os jornais são observados e utilizados, o pesquisador pode obter uma variedade de temas e fatos históricos, assim como pode analisar um único indivíduo na sociedade do tempo em que viveu. É claro que se deve estar atento ao período em que o conteúdo foi divulgado. Baseado nisso, “o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais” (CAPELATO, 1988, p. 21). Portanto, deve-se levar em consideração qual é o tema principal da pesquisa, e muitas vezes poderão ser utilizados jornais relacionados ao próprio cotidiano do indivíduo pesquisado. De acordo com Capelato, “a vida cotidiana registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados - não só os ‘ilustres’, mas também os sujeitos anônimos” (CAPELATO, 1988, p. 21).

Dessa forma, “a variedade da fonte imprensa é enorme e as suas possibilidades de pesquisa são amplas e variadas” (DE LUCA, 2005, p. 141). Diante dessas considerações, esta pesquisa se propôs a analisar um período de vivência da escritora nacionalmente reconhecida, Maura Lopes Cançado, utilizando-se de jornais.

3. MAURA LOPES CANÇADO E OS JORNAIS

Esta pesquisa analisa e compreende a trajetória de vida da escritora mineira Maura Lopes Cançado (1929 - 1993), bem como a repercussão da sua escrita no período em que morava na cidade do Rio de Janeiro. Para a realização deste trabalho foram analisados fragmentos jornalísticos sobre a autora do período de 1958 a 1994, sendo utilizado desde a sua primeira publicação em jornais, a saber, o conto

⁴ A partir da década de 1960, o jornal começou a perder espaço para a televisão e o rádio. Posteriormente, eles acabaram se adaptando e modificando os formatos, para que pudessem sobreviver em meio às outras formas de imprensa. Ver BAHIA, 2009.

“No quadrado de Joana” (1958)⁵, até uma reportagem sobre o seu falecimento, escrita pelo jornalista Márcio Pinheiro, do *Jornal do Brasil* (1994), e intitulada “A literatura estranha a realidade”⁶. Durante o recorte temporal destacado por esta pesquisa, a escritora foi tema de várias matérias em diversos jornais cariocas que circulavam em todo território nacional⁷.

A pesquisa foi dividida em três partes, sendo que a primeira delas discorre sobre o período do “auge” da escritora na imprensa carioca, com o lançamento dos seus contos e dos seus livros (1958-1971). A segunda parte aborda como se deu seu “declínio”, ressaltando o incidente do assassinio a uma interna na clínica psiquiátrica Dr. Eiras, na cidade do Rio de Janeiro (1972-1983). Finalmente, a terceira parte é definida como “ostracismo”, visto que a escritora começou gradativamente a perder espaço nos jornais, acabando quase que por entrar no completo esquecimento por parte da imprensa carioca (1984-1994).

3.1. O AUGE (1958-1971)

A primeira vez em que Maura Lopes Cançado foi divulgada em jornais data do ano de 1958, por meio do conto “No quadrado de Joana”. Tal divulgação se deu graças a renomados escritores e/ou jornalistas que lhe deram uma oportunidade no afamado “Suplemento Dominical” do *Jornal do Brasil*. Observaram-se esses fatos já que “entre os anos 60 e 80, o jornalista passa de mero coadjuvante – como repórter sensacionalista de Nelson Rodrigues – a personagem principal da literatura brasileira” (COSTA, 2005, p. 131). Assim, a maioria dos integrantes da escrita literária desse período encontrava-se em jornais. Dessa forma, durante esse período “(...) não só a literatura serve ao jornal, mas também o jornal à literatura” (SANTOS, 2005, p. 131). Com a ajuda dos colegas do Suplemento Dominical, enfim, a escritora conseguiu se lançar no mundo das letras. De imediato a sua escrita foi muito elogiada pela crítica carioca.

O primeiro conto de Maura Lopes Cançado tratava de uma personagem que sofria de esquizofrenia catatônica e que andava de um lado para o outro dentro do hospício. O que transparece na obra da escritora é que ela utilizava da sua escrita para retratar também o seu cotidiano, a partir do momento em que é sabido que ela sofria com problemas mentais desde os sete anos de idade. Posteriormente, foram publicados vários outros contos que continuaram sendo elogiados pela imprensa carioca.

Nesse período ela estava trabalhando no *Jornal do Brasil*. Porém, não demorou muito e se internou novamente em hospitais psiquiátricos por conta própria. A saúde frágil e a alternância entre os momentos de lucidez e loucura a tornavam

⁵ No conto “No quadrado de Joana”, a personagem principal sofre de esquizofrenia catatônica.

⁶ Matéria escrita no dia 9 de janeiro de 1994, pelo jornalista Márcio Pinheiro do *Jornal do Brasil*, ou seja, 20 dias após a morte da escritora Maura Lopes Cançado.

⁷ Os jornais pesquisados foram *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*.

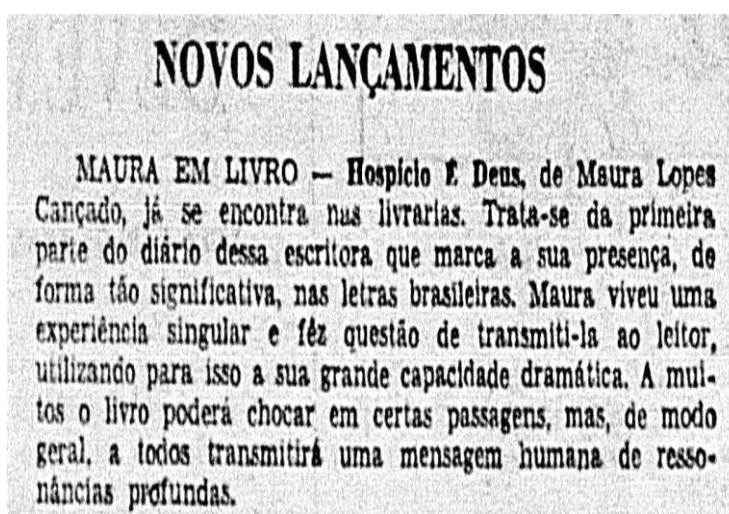
uma pessoa difícil de lidar. Com isso, a autora acreditava que o hospício era o local onde ela poderia se refugiar de tudo e de todos. Contudo, durante essa época, dentro dessas instituições de “tratamento mental”, Maura passaria a presenciar e/ou experimentar uma série de maus tratos que aconteciam com os internos, em que eram utilizadas altas doses de medicamento, castigos físicos e/ou psicológicos, além do temido eletrochoque.

Com o contato direto, vivendo todas as experiências de interna nessas instituições, a escritora resolveu escrever um diário, o qual intitulou de *Hospício é Deus - Diário I* (1965). Esse livro escrito dentro de hospitais psiquiátricos nos quais ela esteve internada se divide claramente em duas partes: na primeira, ela rememora a sua infância e adolescência no interior de Minas Gerais, seu local de nascimento. Já na segunda, fica relatado tudo aquilo pelo qual a escritora estava passando dentro do hospício, com descrições detalhadas das outras internas e também do corpo médico. Em um trecho do livro a escritora descreve:

Como punir a inconsciência é o que não entendo. Entretanto, o médico, depois de rotular um indivíduo de irresponsável, inconsciente, exige deste mesmo indivíduo a responsabilidade de seus atos, ao mandar (ou permitir que se faça) castigá-lo. De que falta pode um louco ser acusado? De ser louco? É o que venho observando e sentindo na carne (CANÇADO, 1979, p. 85-86).

A imprensa carioca noticiou diversas vezes o lançamento do livro. Nesse sentido, foi ressaltado o caráter de denúncia em relação aos hospícios nos quais a escritora havia se internado. Em uma dessas divulgações, está descrito que o livro pode chocar em certas passagens.

FIGURA 1. Nota sobre o lançamento de *Hospício é Deus – Diário*, de Maura Lopes Cançado



Fonte: *Jornal do Brasil*, 1965, p. 5.

Foram divulgadas várias críticas literárias a respeito do livro *Hospício é Deus*, porém, uma em especial chama a atenção: a da jornalista e cronista paulista Elsie Lessa (1914-2000), cuja escrita começa narrando a estranheza do diário de Maura. Ela afirma que o livro traz uma carga densa de lucidez e verdade, o que acaba sendo assustador. Por meio dessa análise publicada no jornal, o leitor que por acaso não tivesse lido o diário pôde entender claramente a natureza do conteúdo de que a obra tratava. A jornalista também relata trechos que lhe chamaram a atenção. Contudo, o que mais surpreende é o fato de a jornalista dizer que o martírio passado por Maura pode ajudar a todos em um maior entendimento daquilo que estava ocorrendo dentro dos hospícios brasileiros.

FIGURA 2. Crítica literária do livro *Hospício é Deus* – Diário I



Fonte: *O Globo*, 1965, p. 1.

Durante o período em que Maura era tida como uma revelação da literatura, tudo o que a escritora fazia ou pelo qual se interessava era bastante divulgado pela imprensa. Um dos principais interesses dos jornais era pelas peculiaridades em que ela se envolvia, principalmente porque carregava o estigma⁸ de ser considerada louca. Mas, da mesma forma que ela se encontrava incorporada a rótulos

⁸ Ver GOFFMAN, 1975.

que lhe eram dados, pode-se salientar que a escritora utilizava de toda essa atenção para divulgar-se e fazer com que a sua vida e a sua obra pudessem ser constantemente publicadas nas páginas dos jornais cariocas. Desta forma, pode-se levar em conta que havia uma interação entre a escritora e os jornais, a fim de que ambos pudessem prender a atenção dos leitores e adquirir o seu espaço; todavia, “é preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos” (CHARTIER, 1991, p. 178).

Em um episódio, quando foi morar com freiras em uma casa de acolhimento de órfãos, Maura se envolveu em um caso no mínimo curioso. A escritora foi ao jornal *Correio da Manhã* no dia 27 de fevereiro de 1970 e fez uma denúncia dizendo que as “irmãs” da casa da “União das Operárias de Jesus” enterravam a comida das crianças, deixando-as passarem fome. Com isso, assim que surgiu a notícia na imprensa, a vigilância sanitária e os demais órgãos de fiscalização da prefeitura do Rio de Janeiro foram ao local e abriram uma sindicância contra as freiras; esse envolvimento de órgãos oficiais da prefeitura carioca revela-nos que a escritora tinha bastante credibilidade quanto a suas falas. Após as denúncias, outra matéria foi publicada no dia 2 de março de 1970, intitulada “Operárias de Jesus vão despejar Maura Cançado”. Em um dos trechos é descrito que a escritora “recebeu uma intimação da diretoria do orfanato e de dois advogados para deixar aquela instituição (...)” (*Correio da Manhã*, 1970, p. 8).

Maura Lopes Cançado morou em um casarão no bairro de Botafogo, apelidado de “Solar da Fossa”⁹. Lá também se envolveu em outros episódios, recusando-se, por exemplo, a sair da casa para evitar que ela fosse demolida, pois em seu local seria construído um shopping. De acordo com Vaz (2011), a escritora, de todos os moradores, foi a mais polêmica, frequentando com regularidade hospitais psiquiátricos e se envolvendo em muitas confusões durante a sua passagem pelo local.

Algum tempo depois foi lançado o seu livro de contos *O sofredor do ver* (1968), e por meio desse lançamento, ela foi destaque em várias notas dos jornais cariocas. Nessa obra, Maura havia reunido doze contos, entre os quais alguns já haviam sido publicados nos jornais, porém, neles também se encontravam dedicatórias. Desde o lançamento da sua primeira obra, a escritora estava no auge. Dessa forma, o lançamento do seu segundo livro atraiu os olhares da imprensa, sendo divulgadas várias propagandas sobre ele.

Dentre os contos publicados por Maura Lopes Cançado nos jornais cariocas encontra-se “O rosto”, de 19 de abril de 1959, conto que foi dedicado ao seu filho Cesarion Cançado Praxedes (1945-2003). Quando se analisa o seu conteúdo, é possível observar em muitos aspectos a escrita dialógica entre memórias nostálgicas sobre sua família e a escrita literária. Ao não citar os nomes dos personagens

⁹ *Solar da Fossa* era um casarão afamado pela sua capacidade de aboletar muitos intelectuais cariocas dessa época. Há um livro escrito pelo jornalista Toninho Vaz, em que é retratado de forma detalhada como funcionava o solar. Ver VAZ, 2011.

envolvidos na trama, nota-se a forma romantizada como Maura aborda os fatos retratados. Ao se fazer a leitura desse conto, por um lado, identificam-se muitos locais em que a escritora esteve presente com Cesarion, mas, por outro, identifica-se um lamento por parte da escritora por não ter participado de momentos importantes na vida do filho. Dessa forma, pode-se entender que, através da escrita do conto, Maura parece pedir desculpas pela ausência durante a infância e a adolescência de seu filho.

No conto em questão, ela coloca que pessoas diziam a Cesarion que ela não gostava do menino, que não se preocupava com sua vida e que nunca iria buscá-lo; no entanto, no final, ela revela que seu filho sempre revidava dizendo que ela o amaria, pois “o rosto” dele ainda era o mesmo.

A pesquisa possibilitou que fossem encontrados em jornais cariocas alguns textos escritos por Maura Lopes Cançado que não estão em seu livro de contos. São eles: “Cabeleireiro de senhoras”, “Passagem-passaporte” e “Carta a Mao Tsé-Tung”¹⁰.

No conto “Carta a Mao Tsé-Tung”¹¹, a escritora escreve em terceira pessoa sobre a personagem fictícia Francisca. O principal desejo da jovem era ganhar uma viagem para a China, para que pudesse estudar e conhecer um país distante. Isso ficou tentador quando a auxiliar de enfermagem soube da chegada de um novo médico no hospital em que trabalhava, o qual vinha dos Estados Unidos, país em que havia estudado por dois anos. Posteriormente, chegou ao hospital outro médico que havia estudado na Inglaterra por três anos; a jovem enfermeira começou a observar que os dois médicos tinham grande prestígio, sendo o que estudara na Inglaterra ainda mais admirado.

Logo, Francisca deduziu que quanto mais longe fosse o local de estudo, maior era o sucesso. Em determinado momento, ouviu nos corredores que eles não pagavam nada para estudar, pois ganhavam bolsas de estudo fornecidas pelo governo do país no qual foram morar. Francisca pensou tanto sobre aquilo que resolveu que queria viajar também. Mas... para onde? Ouviu dizer que a China era um país distante e que seu governante chamava-se Mao TseTung, ela então decide enviar uma carta ao líder supremo da China, pedindo para lhe dar abrigo no país. Dessa forma, a escritora desenvolve a narrativa como se a personagem estivesse

¹⁰ Em uma breve pesquisa nos jornais foram encontrados os três contos supracitados. É possível que existam outros. Na tese de doutorado intitulada “Narrativas e sobreposições: notas sobre Maura Lopes Cançado”, a pesquisadora Daniela Scaramella anexou os contos citados, encontrando-os também no *Jornal do Brasil*. Todavia, o jornal *Correio da Manhã* também publicava contos escritos por Maura Lopes Cançado; com isso, é necessária uma pesquisa mais aprofundada para realmente identificar toda a obra da escritora.

¹¹ É importante ressaltar que a escrita de Maura Lopes Cançado por muitas vezes se confundia com a sua realidade, de maneira que alguns de seus contos descrevem “personagens” que tinham algum problema mental. Já em contos como: *O sofredor do ver*, *Pavana* e *Cartas a Mao Tse-Tung* isso é deixado de lado para a criação de fato de um personagem distante da vivência da escritora.

realmente conversando com Mao Tse Tung por intermédio de uma carta, que acabou sendo enviada pelos Correios com destino à China.

3.2 O DECLÍNIO (1972-1983)

No dia 11 de abril de 1972, na clínica Doutor Eiras, a escritora Maura Lopes Cançado matou estrangulada com um lençol outra interna que estava grávida¹². Depois do acontecido ela foi acometida de uma grave crise e entrou em estado de choque, desmaiando e vindo a acordar horas depois, estando ainda transtornada e perguntando o que havia feito. A partir desse dia, a vida da escritora nunca mais seria a mesma.

Em 1977, Maura estava presa na Penitenciária Lemos de Brito. Foi nesse local que a jornalista Margarida Autran, do jornal *O Globo*, fez com ela uma entrevista publicada em 20 de junho de 1977, intitulada “Ninguém visita a interna do cubículo 2”. Nessa entrevista Maura Lopes Cançado conta que estava cega por causa de uma catarata. Ficou constatado que o local em que ela estava era insalubre, devido à sujeira e também aos ratos que estavam por todo lado dentro da cela. Ainda assim, o pior era a situação de abandono em que a escritora se encontrava. De acordo com Autran (*O Globo*, 1977, p. 35), Maura Lopes Cançado foi julgada em 15 de outubro de 1974 e absolvida, mas o juiz determinou que ela ficasse internada por seis anos em manicômios judiciários. No entanto, essas instituições não recebiam mulheres nesse período, o que fez com que a escritora passasse por diversos presídios da cidade do Rio de Janeiro, dentre eles, o de Bangu, onde ela perdeu parcialmente a visão de um dos olhos, e a penitenciária Lemos de Brito, onde ficou cega do outro olho em decorrência de uma catarata.

Em uma passagem da entrevista, Maura descreve a alimentação que recebia dentro do presídio: “não como mais a comida daqui. Outro dia me trouxeram uma comida podre, a carne cheia de bichos e fedorenta. (...). E disseram também ‘presa, tem que comer escarrado, comida cuspidá’. Não posso mais comer. Tenho medo (...)” (*O Globo*, 1977, p. 35).

Posteriormente, a escritora Maura Lopes Cançado fala sobre a sua situação como presidiária e demonstra não entender claramente o motivo de se encontrar presa, pois ela havia sido absolvida pela justiça por ser considerada inimputável. Dessa forma, ela acrescenta que “o juiz decretou que até 1980 eu sou louca. A partir daí cessa minha periculosidade. Por que esta onipotência, esta onisciência do juiz? Depois o advogado grita que eu estou ilegalmente presa. Por que então estou presa?” (*O Globo*, 1977, p. 35). No final da entrevista Margarida Autran escreve em forma de desabafo: “não seria o caso, então, de financiar seu tratamento numa casa de saúde particular? E o ministério da educação, do qual ela é pensionista?” (*O Globo*, 1977, p. 35).

¹² Ver MEIRELES, 2015.

Assim que foi publicada a entrevista, Carlos Leal, que era o diretor do Hospital Psiquiátrico Nelson Hungria, no qual a escritora já havia ficado, e também Augusto Thompson, diretor do departamento do sistema penitenciário, repudiaram a tentativa de dizer que Maura Lopes Cançado estava em ambiente degradante. No jornal eles disseram que, pelo contrário, a escritora era privilegiada perante os demais presos. No entanto, a jornalista Margarida Autran, na mesma página do jornal, voltou a destacar o estado da autora e ainda fez duras críticas a Augusto Thompson.

FIGURA 3. Reportagem sobre diretor do Hospital Psiquiátrico Nelson Hungria

O GLOBO
Quarta-feira, 22/6/77

GRANDE RIO • 15

Diretor do hospital: Maura é privilegiada

O diretor do Hospital Psiquiátrico Nelson Hungria, Carlos Leal, disse ontem que a situação da escritora Maura Lopes Cançado é "privilegiada" dentro do sistema penitenciário, porque desfruta de um cubículo individual em um hospital, quando muitos presos nas suas condições estão em presídios comuns, sendo levados para o Nelson Hungria apenas quando entram em crise.

Carlos Leal justificou sua afirmação com documentos relativos a transferências de presos que estão internados por ordem judicial, depois de absolvidos por incapacidade mental. Confirmou também ter respondido a ofício da Vara de Execuções, que perguntava se Maura deveria ser removida para outro local; disse que "embora o Hospital Psiquiátrico Nelson Hungria esteja plenamente aparelhado para o tratamento necessário, ela poderá ir para qualquer outro hospital que lhe dê o mesmo atendimento".

— A primeira vez que ela veio para cá foi em julho de 1974, quando ainda cumpria prisão preventiva. Depois o juiz titular do II Tribunal de Júri, Martinho Campos, proferiu sentença e Maura foi para o Presídio Feminino Talavera Bruce, para onde retornou logo que teve alta aqui. Mas lá ela teve problemas com as outras internas. O diretor do Talavera Bruce, professor Jessé de Souza Marques, pediu então para que ela voltasse para o Nelson Hungria e nós concordamos, embora os presos venham para cá quando estão em crise, o que não era seu caso.

— Aqui também ela não ficou à vontade, o que é compreensível, porque as outras internas não lhe permitiam a tranquilidade que ela desejava. Maura pediu um local onde pudesse trabalhar, escrever, o que achamos justo. Como todas as celas que temos são coletivas e o seu estado psiquiátrico não requeria cuidados especiais, resolvemos transferi-la para o Hospital Central, onde ela está e onde teria um cubículo individual. Nesta ocasião,

entretanto, o médico que a assistia aqui pediu que ela voltasse em determinados dias, para acompanhar seu estado.

Recusas

O diretor do Hospital Nelson Hungria mostrou a ficha de Maura, na qual o médico anotou ter ela se recusado "sistematicamente" a comparecer para os exames de rotina. Leal disse que ninguém a obrigou a atravessar o pátio que separa os dois hospitais e por isso ela nunca mais voltou. Afirmou ainda que, caso ela tivesse sofrido alguma crise e necessitasse de atendimento psiquiátrico durante o período em que está no Hospital Central (desde agosto de 1976), teria sido removida para o Nelson Hungria, e como isso não aconteceu ele acha que ela está bem.

— É importante notar que ela só está no Hospital Central porque o manicômio judiciário não recebe mulheres. Aliás atualmente não recebe nem homens, como se pode verificar neste ofício que recebi dia 10 último. Eu tinha ordem de um juiz para remover um paciente daqui para o manicômio judiciário, onde ele deveria cumprir seu período de internamento. Eu o mandei para lá, mas ele voltou com um ofício do diretor do manicômio, dizendo que não tinha lugar para recebê-lo.

— Como o manicômio não dispõe de vagas para mulheres e, atualmente, nem para homens, em muitos casos os internos cumprem suas sentenças em prisões comuns — o que admitimos ser uma irregularidade — enquanto estão bem, sendo trazidos para o Hospital Psiquiátrico quando entram em crise. Maura tem permanentemente um cubículo só para ela. Reconhecemos que ela tem direito a isso, por suas condições pessoais e intelectuais. Nós temos muito boa vontade com ela, mas enfrentamos problemas concretos que não permitem uma solução ideal — conclui Carlos Leal.

Fonte: *O Globo*, 1977, p. 15.

A partir da reportagem sobre Maura, foi possível que se chegasse ao conhecimento de ex-colegas escritores à situação em que ela se encontrava. Alguns de seus familiares no interior de Minas Gerais também ficaram sabendo da situação. Com isso, decidiram visitá-la no Rio de Janeiro. Quem revela alguns detalhes desse encontro é uma de suas sobrinhas. De acordo com ela, "[Maura] ficou feliz demais,

realmente ela estava com catarata, na ocasião a minha família toda tem catarata, todo mundo foi operado de catarata [...]”¹³. Sobre a visita, ela revela que as paredes da cela estavam todas escritas “[...] escrito poemas, escrito textos dela, que ela tinha uma ideia ela ia lá e escrevia” [...].¹⁴

Toda a campanha em prol de Maura Lopes Cançado parece ter sido de grande ajuda. O Ministério da Educação resolveu interferir e ajudar a autora, já que um tempo antes ela havia sido funcionária da instituição. Com isso, a escritora foi transferida para uma clínica particular e também passou por uma operação nos olhos, voltando a enxergar.

FIGURA 4. Notícia sobre a operação dos olhos da escritora Maura Lopes Cançado



Fonte: *O Globo*, 1977, p. 15.

A associação dos escritores do Rio de Janeiro se sensibilizou com os problemas enfrentados por Maura, de forma que publicaram vários anúncios na imprensa carioca, contendo todo o apelo solidário por parte de vários escritores renomados. Nessas publicações havia também uma breve trajetória de vida da escritora, assim como o número de uma conta bancária para fins de depósito daqueles que quisessem doar para a campanha. Abaixo encontra-se uma dessas publicações:

¹³ Entrevista concedida por Marlene Lopes Cançado, em Patos de Minas-MG, no dia 27 de outubro de 2016.

¹⁴ *Ibidem*.

FIGURA 5. Pedido de ajuda para Maura Lopes Cançado do sindicato dos escritores

Maura Lopes Cançado

O Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro agradece a todos que desejam participar da campanha de ajuda econômica à escritora Maura Lopes Cançado, vítima de doença nervosa há mais de 20 anos. Não tendo meios de arcar sozinho com as despesas que são elevadas, o Sindicato apela às pessoas de boa vontade, especialmente autores, para que ajudem Maura neste momento difícil.

Maura esteve até recentemente internada no Manicômio Judiciário, que não está aparelhado para receber mulheres, e ali terminou ficando cega. Graças à intervenção do Sindicato e com a boa vontade do Juiz Francisco Horta, da Vara de Execuções Criminais, Maura foi transferida para uma clínica em Jacarepaguá. A diária de clínica é elevada e, no momento, embora seja de direito, Maura não conta com qualquer ajuda oficial, ainda que seja funcionária pública aposentada pelo Ministério da Educação.

Vamos ajudar Maura. As doações poderão ser encaminhadas a qualquer agência do Banco do Bradesco, conta nº 011.213-5 (Agência Pio X), em nome de Evaristo de Moraes Filho, Gema Benedikt ou José Louzeiro, que participam da coordenação da campanha de ajuda financeira à autora. José Louzeiro, secretário do Sindicato dos Escritores do Município do Rio de Janeiro.

Fonte: *Jornal do Brasil*, 1979, p. 2.

3.3 O OSTRACISMO (1984-1994)

Nesse período, Maura Lopes Cançado encontrava-se ao lado de seu filho Cesarion Cançado Praxedes. Porém, nunca mais quis escrever. Isso acabou deixando-a no ostracismo. Os jornais, que antes noticiavam tudo sobre a vida e a obra da escritora, passaram a não mais lhe dar destaque. De vez em quando surgia alguma notícia sobre ela, ou melhor, sobre uma nova edição de seu livro *Hospício é Deus – Diário I*, mas ainda assim, tal fato era mencionado de modo discreto nas páginas dos jornais.

Quando faleceu, em 19 de dezembro de 1993, vítima de um infarto, ela já não era uma escritora muito reconhecida pelos brasileiros. Por isso, o jornalista Márcio Pinheiro, do *Jornal do Brasil*, escreveu uma matéria no dia 9 de janeiro de 1994, com a qual preenche toda uma página do jornal, discorrendo sobre a escritora que, de acordo com ele, morreu esquecida. Na matéria em questão, o jornalista fala também da trajetória literária de Maura Lopes Cançado. Além disso, destaca a importância dela para a literatura, encerrando a matéria ressaltando a admiração que sentia pela escritora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o surgimento da Escola dos Annales, especialmente a partir da sua terceira edição, abriu-se um leque de novos temas, novas fontes e novas pesquisas relacionadas à área histórica. Dessa forma, o uso dos jornais como fonte passou a ser amplamente difundido por parte dos pesquisadores, contrapondo-se às escolas históricas positivistas e também à vertente que pregava a história como sendo uma totalidade, ou seja, sem chances para se pesquisarem fragmentos. A partir daí, foi possível abrir diálogos entre a história e a imprensa.

Com o desenvolvimento deste artigo, pode-se verificar que quando a autora estava no auge de sua escrita, ela tornou-se personagem de diversas reportagens e publicações, no entanto, quando começou o seu declínio, os jornais mudaram um pouco o foco, passando a publicar mais sobre a sua vida, demonstrando o seu sofrimento quando estava presa e cega em uma penitenciária. Essa mudança de comportamento por parte da imprensa aos poucos chegaria a quase um ostracismo em relação a ela, já que quando a escritora faleceu, estava praticamente esquecida pelos jornais.

Nesse sentido, o resultado final deste trabalho atendeu às expectativas do projeto, visto que foi possível realizar um estudo sobre a vida e a obra da escritora Maura Lopes Cançado sob a perspectiva da imprensa carioca, em um momento em que a autora está em bastante evidência nos meios intelectuais brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHIA, Benedito Juarez. *História, jornal e técnica: as técnicas do jornalismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? *Revista Comunicação e mercado/UNIGRAN*, 1(2): 79-87, nov. 2012.
- CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus: Diário I*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- _____. *Hospício é Deus: Diário I*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- _____. *O sofredor do ver*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação, *Estudos Avançados*, 5(1):173-191, 1991.
- COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004*. São

Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos", in: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

FARIA, Eduardo Prado. A imprensa diária como fonte de pesquisa na História. *Revista Pergaminho*, 4(4):10-15, dez. 2013.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário", in: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GOMES, Juliana Aparecida; ACOSTA, Alexandre Carvalho. Índice de qualidade do jornal diário "Folha da Cidade" segundo os assinantes no município de Caçador-SC. *Percepções*, n. 1, p. 60-80, 2012. Disponível em: <periodicosuniarp.com.br/percepcoes/article/download/20/49>. Acesso em: 26 fev. 2017.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. *Anais do 10º Encontro Nacional de História Da Mídia UFRGS*, Porto Alegre-RS, p. 3-5, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornal-impresso-como-fonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/view>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. *O uso dos jornais para o conhecimento histórico: teoria e metodologia*. *Anais do II Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO*, Ponta Grossa-PR, p. 12-15, mai. 2015.

MEIRELES, Maurício. "Perfil Biográfico", in: CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus – Diário I*. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, Regma Maria dos. *Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycidio Paes*. Uberlândia: Aspectus, 2005.

SCARAMELLA, Maria Luisa. *Narrativas e sobreposições: notas sobre Maura Lopes Cançado*. 2010. 236 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, 2010. Disponível em: <<http://www.biblioteca.digital.unicamp.br/document/?code=000479398>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

VAZ, Toninho. *Solar da fossa: um território de liberdade, impertinências, ideias e ousadias*. Rio de Janeiro: Casa da palavra. 2011.

Fontes orais

Marlene Lopes Cançado. Entrevista concedida a Edivaldo Rafael de Souza. Patos de Minas-MG, 27 out. 2016. (39 min.).

Jornais

Correio da Manhã. Rio de Janeiro: 27 fev. 1970, 1º Caderno, p. 6.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro: 2 mar. 1970, 1º Caderno, p. 8.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: 16 nov. 1958, Suplemento Dominical.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: 19 abr. 1959, Suplemento Dominical, p. 8.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: 17 nov. 1964, Cad. B, p. 3.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: 15 ago. 1965, Cad. B, p. 5.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: 26 jan. 1979, Cad. B, p. 2.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: 9 jan. 1994, Cad. B, p. 4.

O Globo. Rio de Janeiro: 17 dez. 1965, Matutina, Geral, p. 1.

O Globo. Rio de Janeiro: 20 jun. 1977, p. 35.

O Globo. Rio de Janeiro: 22 jun. 1977, Grande Rio, p. 15.

O Globo. Rio de Janeiro: 13 set. 1977, Matutina, Rio, p. 15.